

Reconhecendo o pátio escolar e suas áreas livres **Um percurso etnográfico na Escola Palmira Lins de Carvalho**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Rachel Sfair Ferreira Bezencry
Universidade Federal do Pará
E-mail: rachelsfair@ufpa.com

Karolina da Costa Fonseca
Universidade Federal do Pará
E-mail: karollina.fonseca@gmail.com

Sarah Evelin Wanzerley Lima
Universidade Federal do Pará
E-mail: emaildasarahevelin@gmail.com

Byanka Sheyewelly Mendes Fernandes
Universidade Federal do Pará
E-mail: byankaarq@gmail.com

RESUMO

No ambiente educacional, os pátios e seus espaços livres desempenham uma função significativa no processo pedagógico e na experiência social e ambiental dos indivíduos. Para tanto, é essencial compreender a singularidade desses ambientes e prospectar intervenções que os potencializam como agentes pedagógicos. Assim, precedendo um projeto de arquitetura da paisagem para a escola Palmira Lins de Carvalho, a pesquisa teve como objetivo compreender o uso do pátio escolar e suas áreas livres a partir de um percurso etnográfico pela escola, buscando identificar padrões de uso nas áreas externas, registrar percepções e significados atribuídos ao espaço e entender expectativas e necessidades dos usuários. A pesquisa é de natureza qualitativa e sintetiza a etapa de diagnóstico e levantamento de campo realizada no âmbito do projeto de extensão “No pátio da minha escola é assim: o espaço de aprendizagem da arquitetura da paisagem na escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho”, que vem sendo realizado entre 2025-2026 com o apoio da Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará. Os resultados confirmam que a qualidade dos espaços escolares depende tanto de suas características formais quanto das experiências que promovem, das relações que possibilitam e dos sentidos que as crianças atribuem a eles.

PALAVRAS-CHAVE: pátio escolar; etnografia; psicologia ambiental; arquitetura da paisagem.

ABSTRACT

In the educational environment, school courtyards and their open spaces play a significant role in the pedagogical process and in individuals' social and environmental experience. Therefore, it is essential to understand the uniqueness of these environments and to envision interventions that enhance their potential as pedagogical agents. Thus, preceding a landscape architecture project for the Palmira Lins de Carvalho School, this research aimed to understand the use of the school courtyard and its open areas through an ethnographic walkthrough of the school, seeking to identify patterns of use in outdoor spaces, record perceptions and meanings attributed to the environment, and understand users expectations and needs. The research is qualitative in nature and synthesizes

the diagnostic and field survey phase carried out within the scope of the extension project “This Is What My Schoolyard Looks Like: A Learning Space for Landscape Architecture at EMEIF Palmira Lins de Carvalho School”, which has been conducted between 2025–2026 with the support of the Office of Extension at the Federal University of Pará. The results confirm that the quality of school spaces depends not only on their formal characteristics but also on the experiences they promote, the relationships they enable, and the meanings children attribute to them.

KEYWORDS: school courtyard; ethnography; environmental psychology; landscape architecture.

1 INTRODUÇÃO

No ambiente educacional, os pátios e seus espaços livres desempenham uma função significativa, adicionando à escola um lugar de convivência, experimentação, descanso e expressão social. Para além da complexidade pedagógica, impacta a relação homem-natureza, pois é um lugar primordial para o desenvolvimento da conscientização ambiental da comunidade escolar (Azevedo; Rheingantz; Tângari, 2017). Para tanto, é relevante a adequação desses espaços, que deve ser apropriado por seus usuários, atendendo à dimensão física, emocional e psicológica, contribuindo para o processo de aprendizagem e desenvolvimento físico e motor (Calvacante; Elali, 2011). Logo, é essencial compreender a singularidade dos pátios escolares e seus espaços livres e também, prospectar intervenções que os potencializam como extensão da sala de aula, abrigando além do uso recreativo, função pedagógica, social e de educação ambiental.

Com base nessa questão, o presente artigo sintetiza uma etapa de diagnóstico e levantamento de campo, realizada no âmbito do projeto de extensão “No pátio da minha escola é assim: o espaço de aprendizagem da arquitetura da paisagem na escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho”, que vem sendo realizado entre 2025-2026 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), com o apoio da Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará (PROEX/UFPa). Tem como objetivo compreender o uso do pátio escolar e suas áreas livres a partir de um percurso etnográfico pela escola Palmira Lins de Carvalho, buscando identificar padrões de uso nas áreas externas, registrar percepções e significados atribuídos ao espaço e entender expectativas e necessidades dos usuários.

A pesquisa teve caráter descritivo e exploratório e pretendeu caracterizar as dimensões espaciais do pátio escolar e de suas áreas livres da escola, a partir das relações entre os alunos com esse espaço. Como ferramentas para a compreensão das dinâmicas que acontecem no pátio da escola, utilizou-se do método qualitativo e uma abordagem etnográfica, estruturada a partir de uma triangulação múltipla, que consiste em uma estratégia de combinação de diferentes evidências e perspectivas para fortalecer as conclusões sobre o fenômeno investigado (Holanda; Farias, 2020). Por fim, os resultados foram interpretados por meio de conceitos da psicologia ambiental.

O artigo está estruturado em quatro partes, incluindo a presente introdução, que apresentou a importância do pátio escolar e suas áreas livres no desenvolvimento social e educacional, os objetivos do estudo e a metodologia usada na investigação. A parte dois aborda a fundamentação teórica, ancorada na Etnografia, Psicologia Ambiental e Arquitetura da Paisagem. A seguir, na parte três, são apresentados o objeto de estudo, os procedimentos práticos da pesquisa e os resultados. Por fim, a quarta parte revisita a

questão central sobre a importância do pátio escolar e suas áreas livres, articulando as principais conclusões sobre o tema.

2 PERCEPÇÕES E PRÁTICAS NO PÁTIO ESCOLAR E SUAS ÁREAS LIVRES A PARTIR DA ARTICULAÇÃO ENTRE ETNOGRAFIA, PSICOLOGIA AMBIENTAL E ARQUITETURA DA PAISAGEM

De acordo com a antropologia, a etnografia é uma metodologia de pesquisa baseada na descrição detalhada de aspectos culturais e sociais de um grupo. Para Geertz (1989) a prática da etnografia se estende para além da documentação do observável, o trabalho não é simplesmente anotar o que as pessoas fazem, mas compreender o que essas ações significam dentro do universo simbólico, inseridas em sistemas de significados compartilhados. Essa abordagem se baseia na leitura da cultura e em sua descrição interpretativa, passando pelo filtro da interpretação do observador em busca de significados para o que está sendo descrito. De maneira que, a descrição é tanto fruto do observado, quanto de quem observa.

Neste sentido, a utilização da etnografia como ferramenta para a compreensão dos significados do pátio escolar e suas áreas livres da escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho se estabeleceu de forma a captar as nuances das relações sociais e a dimensão simbólica do ambiente construído nos quais essas relações se estabelecem e como esse ambiente se insere nessas dinâmicas. O que possibilitou, por exemplo, obter uma compreensão mais aprofundada acerca das atribuições do espaço no contexto observado, o modo como os usuários utilizam o espaço, suas rotinas, fluxos, interações, conflitos e improvisações (Duarte, 2010).

Essa perspectiva da etnografia para a compreensão do pátio escolar e suas áreas livres foi capaz de revelar o significado cultural que esses espaços têm para seus usuários e para o entorno; permitiu evidenciar como a composição dos espaços pode ser favorável ou desfavorável às suas respectivas funções; entender como eles são utilizados, além de identificar desafios como áreas subutilizadas, percursos desconfortáveis, barreiras sociais ou possíveis zonas de conflito. Assim, a etnografia nos permitiu entender se os espaços em estudo foram apropriados ou não pelos usuários e como essa apropriação dos espaços se estabeleceu tanto de forma individual, quanto em grupos (Martins; Gonçalves, 2014).

Do ponto de vista da Psicologia Ambiental, que investiga as relações recíprocas entre pessoas e ambientes, compreendendo que o espaço não é um simples cenário, mas um elemento ativo na formação das experiências humanas (Moser, 1998), compreendeu-se como o pátio escolar e suas áreas livres são mediadores de percepções, emoções, comportamentos e significados, construídos social e culturalmente. Assim, o modo como as crianças se relacionam com esses espaços externos da escola revela muito mais que uso físico, ou seja, expressa processos de apropriação, pertencimento e identidade (Pacheco; Dorneles, 2025). Nos contextos da educação infantil, essa perspectiva ajuda a compreender o pátio escolar e outras áreas livres como ambientes educativos em si mesmos - lugares de descobertas, interações sociais e desenvolvimento sensório-motor.

O espaço, ao ser vivido, torna-se parte da experiência da criança, influenciando sua autonomia, criatividade e afetividade.

Enquanto que a Arquitetura da Paisagem em diálogo com a Pedagogia abre espaço à experiência, ao encantamento diante das descobertas com a natureza e ao processo criativo. A escola sendo um laboratório vivo de práticas democráticas nos dá abertura para refletir sobre a importância dos pátios escolares e suas áreas livres no processo social de aprendizagem, em que a criança constrói seu conhecimento a partir de experiências compartilhadas (Rinaldi, 2012).

As experiências ao ar livre por crianças que vivem em ambientes urbanizados, como praças, parques, jardins e pátios escolares, geralmente costumam ser os únicos espaços nos quais elas têm a oportunidade de experimentar uma vivência ambiental. No entanto, é comum que muitos desses espaços públicos ao ar livre, principalmente os próximos às periferias, sejam até certo ponto desprovidos de elementos que promovam e/ou instiguem a imaginação. Nesse sentido, a arquitetura da paisagem pode e deve amparar a necessidade vital da presença instigadora da Natureza na vivência com as crianças e por que não na Educação. Para tanto, faz-se necessário que os pátios escolares e suas áreas livres sejam espaços adequados não só para a recreação, mas também para o aprendizado, convívio e socialização (Azevedo; Rheingantz; Tângari, 2017).

Em pleno século XXI, podemos afirmar que a arquitetura da paisagem vem passando por uma metamorfose. Hoje, pensar nas áreas livres escolares a partir da ótica paisagística é contribuir para que a criança vivencie um espaço livre que propicie a construção de memórias individual e coletiva, instigue perguntas e construa conhecimentos a partir de experiências cotidianas em contato com a natureza. Essas escolhas se justificam para evitar uma arquitetura da paisagem como objetos de decoração, isto é, imersos apenas em preocupações estéticas e/ou artísticas, a fim de que esses espaços escolares se tornem ferramentas de equilíbrio ecológico, de valorização da paisagem amazônica pelas comunidades escolar e acadêmica, compreendendo-os a partir de seus valores sociais, pedagógicos, ambientais e econômicos (Katon, 2013). Este mesmo espaço livre, faz parte dos sistemas de espaços livres das cidades, que em conjunto possuem alta relevância ecológica (Macedo et al., 2018).

Somado a esse contexto, a questão do meio – enquanto meio ambiente (Houaiss, 2009) – interessa-nos não apenas pelas suas características e importância ambiental, mas também pelo papel que o meio desempenha no desenvolvimento da criança. Ao longo dos anos, percebe-se não só uma coerência entre os conceitos educacionais e os espaços escolares construídos, mas também, uma apropriação maior dos espaços livres escolares, reconhecendo-o como espaço de aprendizagem por excelência. No entanto, no Brasil, ainda são poucas as escolas públicas que vivenciam a importância da educação ao ar livre, não por falta de compreensão do valor na natureza como interlocutora dos processos educativos, mas sim pela falta de projetos em arquitetura da paisagem em espaços livres escolares que possibilitem entrelaçar os conhecimentos da sala de aula com os dos espaços livres escolares.

Este artigo acredita que a arquitetura da paisagem em espaços livres escolares deve contribuir não só como agente ativo no desenvolvimento motor, social e cognitivo, mas também, reforçar a natureza como espaço educativo, inaugurando um caminho de troca

entre educadores e arquitetos paisagistas, que se encontram no compromisso com a infância, a educação e a natureza.

Do ponto de vista projetual, os conceitos da Psicologia Ambiental – como apego ao lugar, identidade de lugar, arranjo espacial, percepção ambiental e estresse ambiental (Quadro 1) – auxiliam na leitura das formas de uso e na definição de diretrizes que valorizem as práticas espontâneas das crianças. Estudos evidenciam que o vínculo emocional e simbólico com o espaço é essencial para que o ambiente se torne significativo. Assim, a arquitetura da paisagem em ambientes escolares deve criar lugares de referência, onde a criança se reconheça, interaja, explore e possa transformar o espaço. A disposição dos elementos, tais como, vegetação, mobiliário, percursos, texturas e sombras, deve estimular o movimento, a experimentação sensorial e a convivência coletiva, promovendo tanto a liberdade quanto a segurança.

Quadro 1: Conceitos fundamentais da Psicologia Ambiental na percepção do ambiente

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	Trata-se do processo em que os usuários transformam um ambiente físico, atribuindo-lhe significados afetivos e identitários.
APEGO AO LUGAR	Refere-se às dimensões funcionais (espaço físico como elemento ativo de inibição ou encorajamento), relacionais (interação dinâmica social) e simbólicas (de origem sociocultural e individual que atua como intermediário no relacionamento pessoa-ambiente) que vinculam o sujeito ao ambiente.
IDENTIDADE DE LUGAR	Parte da identidade pessoal construída nas experiências vividas em determinados espaços.
ARRANJO ESPACIAL	A forma como os objetos, brinquedos e mobiliários estão dispostos interfere diretamente nas possibilidades de interação, autonomia e convivência.
PERCEPÇÃO AMBIENTAL	Refere-se à maneira como cada sujeito interpreta e dá sentido ao ambiente.
ESTRESSE AMBIENTAL	Como luz, cor, som, aroma, textura e espaço favorecem ou desfavorecem o bem estar físico e psicológico.

Fonte: Cavalcante e Elali (2011), modificado pelos autores, 2025.

Segundo Gonçalves e Flores (2011 apud Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019), os espaços livres nas escolas oferecem diversas possibilidades funcionais (quadro 2):

Quadro 2: Funções dos espaços livres nas escolas

CONTATO SOCIAL	A interação entre indivíduos nos espaços livres favorece o desenvolvimento da comunicação.
BRINCAR E JOGAR	As áreas livres são espaços destinados a atividades lúdicas.
MOTORICIDADE E SENTIDOS	As práticas realizadas nos espaços externos favorecem o aprimoramento das capacidades motoras e sensoriais dos estudantes.
FUNÇÕES PEDAGÓGICAS	A utilização dos espaços externos permite ampliar o que é ensinado em sala, estimulando maior participação dos alunos.
FUNÇÃO AMBIENTAL	Convívio dos estudantes com o meio ambiente.

Fonte: Gonçalves e Flores (2011 apud Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019), modificado pelos autores, 2025.

Assim, a combinação das abordagens da Etnografia, da Psicologia Ambiental e da Arquitetura da Paisagem amplia significativamente as possibilidades de análise de uma escola, sobretudo quando associada a métodos qualitativos, como entrevistas, contribuindo tanto para uma compreensão das múltiplas funções desempenhadas pelos pátios escolares e suas áreas livres, quanto indo além da medição do espaço físico,

possibilitando assim, compreender como os usuários realmente se relacionam com o ambiente escolar.

3 ANÁLISES E RESULTADOS

3.1 Objeto de estudo

A escola Palmira Lins de Carvalho está localizada no bairro da Marambaia, em Belém do Pará e pertence à rede municipal de ensino público. Seu entorno imediato é caracterizado pelo uso predominantemente residencial, de média a alta densidade, segundo o último Censo (IBGE, 2022), com tipologias unifamiliares de um a dois pavimentos, pela presença de pequenos comércios e serviços e por poucas áreas verdes disponíveis à comunidade.

A instituição atende da educação infantil ao ensino fundamental I e II nos turnos da manhã e tarde e à Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante a noite. O conjunto edificado organiza-se em torno de amplos espaços abertos e permeáveis que conectam os blocos de aula, administração e de serviços. A circulação principal ocorre por meio de passarelas cobertas de piso elevado, mas existe um fluxo intenso de alunos que utilizam outros caminhos (Figura 1).

A presença de vegetação é notável, pois a escola possui uma diversidade relevante de espécies, incluindo uma samaumeira, árvore amazônica de grande porte dotada de grandes troncos e raízes, além de expressivo simbolismo e importância cultural. Há pouca distribuição e diversidade de mobiliário, prevalecendo os bancos de concreto e um pequeno coreto de concreto e ferro, que atendem às funções de permanência, descanso e socialização (Figura 1).

Figura 1: A Escola Palmira Lins de Carvalho



Fonte: Google Earth, 2025; Acervo do projeto de extensão, 2025.

A escolha da instituição como objeto de estudo justifica-se por dois motivos principais. Em primeiro, seu contexto territorial e social possibilitam a replicação dos resultados para ambientes semelhantes, realidade comum a grande parte das escolas públicas

amazônicas localizadas em áreas urbanas com pouco acesso a áreas verdes qualificadas. Em segundo, à colaboração da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) e a gestão escolar, que permitiram amplo acesso aos usuários a ao espaço físico para a realização da pesquisa.

3.2 Procedimentos práticos da pesquisa

Embora a pesquisa de abordagem qualitativa seja reconhecida no estudo de fenômenos socioespaciais, existem dilemas em alcançar a verificação de resultados em pesquisas desse método, devido a uma possível subjetividade na coleta de dados e interpretação de resultados. Segundo Ollaik e Ziller (2012, apud Santos et al., 2018), a investigação alcança a validação quando há uma execução criteriosa e a utilização de procedimentos condizentes com os objetivos previamente definidos.

Por isso, a fim de maior validação e rigor científico na produção e análise de dados, optou-se por utilizar de uma triangulação múltipla, caracterizada por constituir uma investigação ampla e multifacetada. Foram associadas três técnicas distintas, definidas por Denzin (1978, apud Holanda; Farias, 2020): 1) Triangulação de dados; 2) Triangulação dos investigadores; e 3) Triangulação metodológica (intramétodo). Tal combinação é explanada no Quadro 3:

Quadro 3: Tipos de triangulação e a aplicação na pesquisa etnográfica

TIPO DE TRIANGULAÇÃO	DESCRIÇÃO	APLICAÇÃO NA PESQUISA
Dados	Uso de diferentes fontes de dados. Possui três subtipos: (a) tempo; (b) espaço; (c) pessoa.	Subtipos (a) e (c), ampliando a compreensão prolongada por meio da percepção de diferentes grupos inseridos no contexto escolar.
Investigadores	Emprego de vários observadores ou entrevistadores do mesmo objeto.	Emprego de diversos pesquisadores na coleta de dados e na discussão dos resultados, minimizando interpretações subjetivas.
Metodológica	Uso de vários métodos podendo ser: (a) dentro do método e (b) entre métodos.	Utilizou-se de três métodos distintos de coleta de dados qualitativos (intramétodo): rodas de conversa, entrevistas semiestruturadas e análises visuais.

Fonte: Denzin (1978, p. 295 apud Holanda, Farias, 2020), modificado pelos autores, 2025.

Ao total, foram realizadas seis visitas à escola, nos turnos da manhã e da tarde, com o envolvimento de 22 turmas do Jardim 2 ao 9º ano, totalizando cerca de 700 alunos e 25 profissionais que constituem a comunidade escolar. Primeiro, foram realizadas as rodas de conversa e aplicadas as entrevistas semiestruturadas, que buscaram informações de forma ativa nas duas primeiras visitas. Após, ocorreram as análises visuais, estruturadas em quatro visitas de abordagem passiva, para reconhecimento e observação dos pátios da escola.

As ações da pesquisa seguiram os princípios e diretrizes éticas estabelecidos pela Resolução no 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata especificamente das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, com ênfase no respeito à dignidade humana, à autonomia dos participantes, e à proteção de seus direitos. Além disso, a estruturação das ações e a orientação dos alunos envolvidos na coleta de dados contou com a colaboração de profissionais da pedagogia, a fim de abordagens mais assertivas e sensíveis, especialmente ao público infantil.

As rodas de conversa marcaram o primeiro contato entre os pesquisadores e alunos e professores. Essa ação ocorreu nas salas de aula e se iniciou com uma breve apresentação da equipe, da conceituação de arquitetura da paisagem e dos objetivos da pesquisa do projeto de extensão, elucidados de forma simplificada. Após, foram apresentadas três imagens, em ordem, para os alunos e professores: 1) Paisagem natural; 2) Espaço construído (uma rua do bairro, próxima a escola); e 3) A escola Palmira Lins de Carvalho.

Ao visualizar cada uma, incentivamos que os alunos falassem o que achavam do que estava na imagem, o que gostariam de fazer no espaço ilustrado e como achavam que se sentiriam em um ambiente como aquele. Esse primeiro contato buscou introduzir a temática ambiental preparando os alunos para responder aos questionamentos das entrevistas e, principalmente, compreender quais associações e significados eram atribuídos às distintas características dos lugares evidenciados.

Após, se iniciaram as entrevistas, para a compreensão sobre o uso do espaço e expectativas e necessidades dos usuários. Os questionamentos centrais das entrevistas foram definidos previamente em sala de aula, em uma estrutura voltada aos alunos e outra direcionada aos professores e outros colaboradores com modificação apenas do item três do questionário, caso o profissional não fosse de cargo docente (Quadro 4).

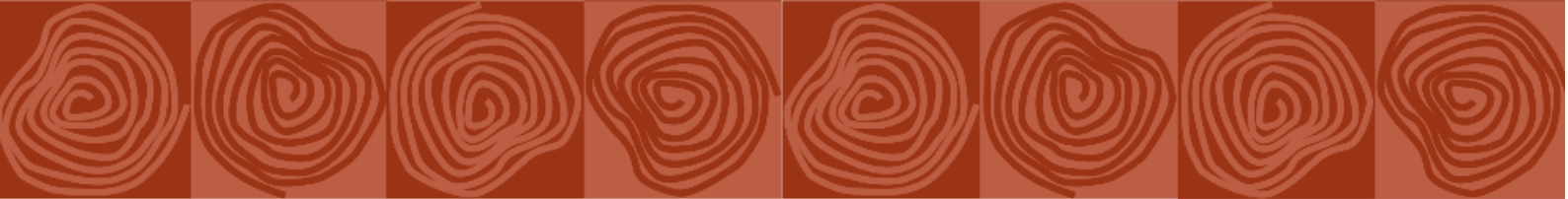
Quadro 4: Perguntas da entrevista aplicada aos usuários da escola

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES
1) O que você gosta de fazer ao ar livre, dentro da escola?	1) O que você gosta de fazer ao ar livre, dentro da escola?
2) O que você acha que pode melhorar nas áreas de lazer na escola? Como você gostaria que fossem os espaços ao ar livre?	2) Como você acha que um espaço ao ar livre pode contribuir para um ensino melhor?
3) Você já mexeu com algum jardim ou tem jardim em casa? Acha que seria legal ter jardins na escola?	3) A) Você usaria um espaço externo na didática da sua disciplina? Se sim, como? – item adaptado aos professores
4) Que tipo de plantas ou hortas você gostaria de ver aqui?	3) B) Se você fosse morador próximo daqui, gostaria de usar os espaços livres da escola para alguma atividade com a comunidade? Se sim, como? – item voltado aos outros colaboradores
5) Imagine um ambiente de estudo ao ar livre, que tem que ser um lugar tranquilo, calmo e confortável pra você. Onde você imaginaria um lugar igual esse na escola? Como ele seria?	4) O que você acha da implantação de uma pequena horta na escola? Que tipo de plantas você gostaria de ver aqui?

Fonte: Autores, 2025.

A coleta das entrevistas direcionadas aos alunos ocorreu em sala de aula, imediatamente após as rodas de conversa, com o intermédio de pequenos grupos de quatro a seis alunos da graduação. Na maior parte das turmas, quando havia grande volume de alunos e crianças menores, as respostas eram recolhidas de forma coletiva, com o registro das respostas feito pela equipe de pesquisadores distribuída em pontos estratégicos em meio aos alunos. Em outras turmas, do 7º ao 9º ano, as entrevistas foram aplicadas individualmente e, ao final, foram complementadas com perguntas coletivas sobre a utilização do tempo de recreio e ocupação do pátio da escola. As entrevistas com os profissionais da escola ocorreram uma a uma, acompanhada por duplas de alunos graduandos, que abordaram os colaboradores em sala de aula, durante a dinâmica com os alunos, e em outros postos de trabalho como a secretaria, portaria e refeitório.

Por último, foram realizadas análises visuais, que buscavam confirmar aspectos práticos sobre a ocupação das áreas livres, além de aprofundar a familiaridade com a escola para o desenvolvimento futuro de um projeto de arquitetura da paisagem voltado ao pátio escolar. A coleta aconteceu com um número menor de alunos da graduação, para minimizar interferências nas ações cotidianas. Primeiro foram realizadas duas



observações em campo, uma a cada turno, para registro audiovisual realizado por apenas um pesquisador.

A partir desse primeiro contato e de pesquisas complementares a referências da etnografia e psicologia ambiental, foram definidos quatro pontos de observação, distribuídos estrategicamente pelas áreas livres da escola. Também, como suporte aos pesquisadores, foi estruturada uma ficha de observação, a fim de sistematizar as análises visuais, permitindo o registro imediato e direcionando o olhar dos pesquisadores às descrições gerais do ambiente, dinâmicas dos usuários e comportamentos recorrentes. Cada ficha de observação foi identificada, também, por itens como: nome do observador, data, horário de início e fim de cada observação, clima e ponto observado. Outros registros foram feitos por meio de gravações de voz, fotografias e/ou croquis, que foram posteriormente anexados às fichas de observação correspondentes, junto com outras impressões de cada observador.

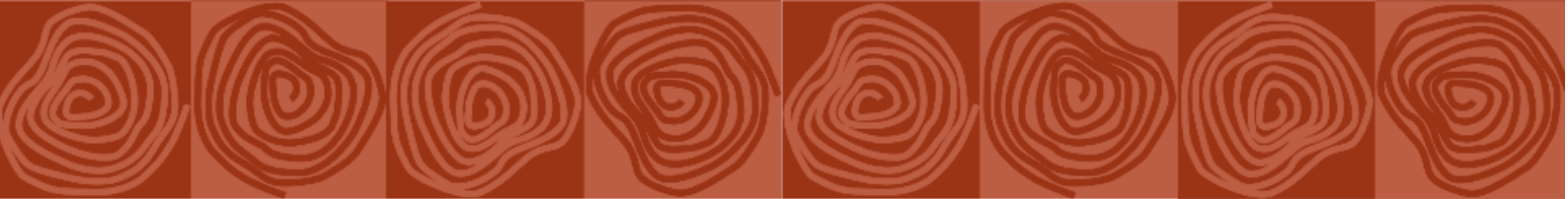
De forma conjunta, os procedimentos adotados ao longo da pesquisa permitiram uma coleta de dados coerente e articulada. A sistematização das ações, bem como a combinação entre diferentes ferramentas metodológicas e pesquisadores ampliou a compreensão das dinâmicas cotidianas do pátio e áreas livres analisadas. Por fim, a consistência dos procedimentos, a imersão no cotidiano da escola e a correlação com a psicologia ambiental sustentam as etapas posteriores de interpretação e proposições finais do artigo.

3.3 Resultados

Durante as rodas de conversa, as imagens apresentadas funcionaram como gatilhos para que os alunos expressassem emoções e sentidos associados ao ambiente escolar. Termos como calma, paz, diversão, aconchego, harmonia e liberdade emergiram quando as crianças se imaginavam em paisagens naturais, demonstrando a importância do ambiente verde para bem-estar emocional. Em contraste, cenas de espaços degradados despertaram sensações de medo, tristeza, perigo e desconforto, reforçando como a percepção ambiental influencia diretamente o comportamento e o sentimento de segurança. Ao observar a imagem da escola em que estudavam, as crianças reagiram com entusiasmo, atribuindo-lhe características positivas.

As entrevistas semiestruturadas aprofundaram essa compreensão ao revelar as práticas espontâneas realizadas ao ar livre e os aspectos que mais afetam a experiência das crianças. Entre as atividades mais citadas, destacam-se brincar, correr, conversar, jogar vôlei e futebol, além de ler e descansar. Ao mesmo tempo, os alunos apontam problemas recorrentes - como falta de sombra, brinquedos quebrados, acúmulo de lixo, lama e quadra alagada - que prejudicam a permanência nesses espaços e afetam a qualidade da experiência.

Um dado relevante diz respeito ao contato prévio com plantas e jardinagem: grande parte dos alunos afirma ajudar pais e avós a cuidar de pequenos jardins em casa. Esse vínculo afetivo pré-existente com o cultivo reforça a receptividade da comunidade escolar à implantação de jardins e hortas. O desejo por espécies específicas (girassóis, rosas, frutas regionais como açaí, acerola, manga, jambo, entre outras) revela tanto preferências estéticas quanto referências culturais amazônicas. Assim, o paisagismo escolar pode fortalecer identidades, aproximar as crianças do ambiente natural e ampliar repertórios sensoriais.



Quando convidados a imaginar um ambiente ideal de estudo ao ar livre, os alunos descreveram espaços sombreados, confortáveis, silenciosos e equipados com bancos adequados. Muitos sugeriram a criação de uma “biblioteca ao ar livre”, demonstrando que a presença de natureza não significa apenas recreação, mas pode qualificar processos cognitivos e favorecer estados de concentração.

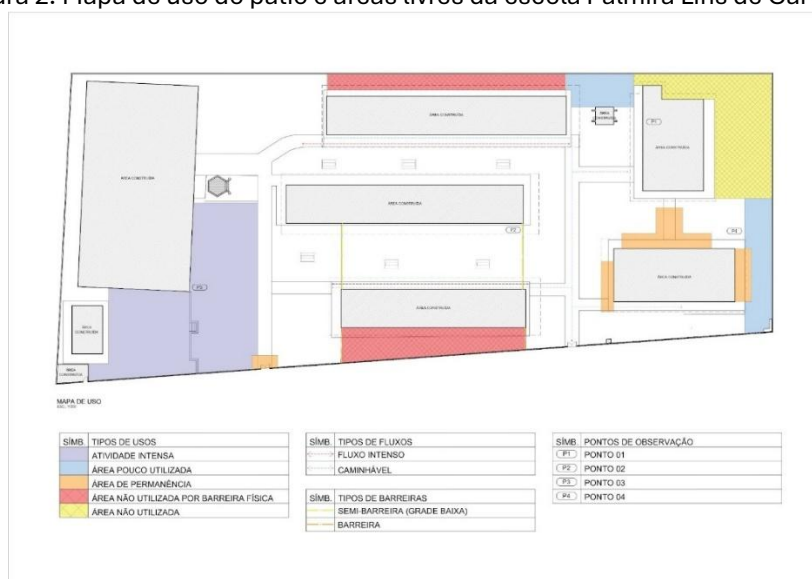
As falas dos colaboradores reforçam essa perspectiva. Para professores e funcionários, os espaços externos têm potencial para integrar teoria e prática, estimular o ensino ambiental, promover atividades diferenciadas e favorecer momentos de relaxamento e interação social. A horta escolar aparece como instrumento pedagógico e também funcional, especialmente pela possibilidade de produzir condimentos utilizados na merenda. Além disso, surgem apontamentos importantes para o diagnóstico projetual: necessidade de abrigo para chuva, sombreamento, bicicletário, reorganização do uso dos espaços por faixa etária e melhoria da acessibilidade e segurança.

Durante as visitas destinadas à observação para análises visuais, podemos observar como as dinâmicas com o espaço mudam de acordo com os usuários. Distribuídos em quatro pontos estratégicos, os observadores tinham visão ampla para as áreas livres durante os intervalos. Pelo turno da manhã a faixa etária dos alunos é menor, na visita ocorrida durante esse turno, a atividade de observação possibilitou perceber que os espaços livres da escola são utilizados de maneira mais uniformes, com atividades mais intensas na área perto da quadra e menos intensas nas áreas próximas ao refeitório. Também foi observado que os alunos menores, da educação infantil parecem ter uma conexão maior com elementos de natureza do que todas as outras faixas etárias observadas, interagindo respeitosamente com flores e plantas presentes no local.

Na visita realizada no turno da tarde, no qual os alunos possuem uma faixa etária maior, assim como na manhã, percebe-se que o fluxo mais intenso ocorre na área próxima à quadra de esportes, e menos intenso na área próxima ao refeitório. Entretanto, a forma com que os alunos se relacionam com o espaço escolar é diferente, pois os menores correm mais que os maiores e parecem percorrer áreas mais diversas. Os mais velhos, principalmente as meninas, parecem caminhar mais ou ficarem parados em grupos. A grande área gramada ao lado do refeitório foi utilizada apenas no início do intervalo, pelos alunos menores, os mais velhos parecem evitar espaços de piso natural, circulando predominantemente por áreas de piso concretado.

De acordo com as observações (Figura 2) podemos perceber que a utilização dos espaços não é homogênea, a conexão com a natureza é mais forte para as crianças menores, e, parece se perder ao longo do crescimento. Apesar da preferência pelas áreas livres, e do anseio pela natureza e por seus elementos (identificados nas entrevistas e rodas de conversa), a conexão dos alunos mais velhos com a natureza já existente na escola é fraca, reiterando a necessidade de intervenções para que o espaço possa ser realmente apropriado e melhor aproveitado por seus usuários.

Figura 2: Mapa de uso do pátio e áreas livres da escola Palmira Lins de Carvalho



Fonte: Autores, 2025.

Reunindo as análises dos dados coletados pelas rodas de conversas, entrevistas semiestruturadas e análises visuais, é possível sintetizar as principais percepções dentro de quatro categorias fundamentais: percepção de espaço; dinâmicas de uso; conforto ambiental; e infraestrutura (Quadro 5).

Quadro 5: Cruzamento de informações

CATEGORIA	RODAS DE CONVERSA	ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	ANÁLISES VISUAIS
PERCEPÇÃO DO ESPAÇO	Os alunos demonstram conexão afetiva com a escola	Os alunos se sentem bem no espaço, mas indicam melhorias	Existem usos diversos mas não homogêneos
DINÂMICAS DE USO	Recreativo e social	Recreativo e social	Melhor apropriado pelas crianças menores
CONFORTO AMBIENTAL	Razoável	Usuários indicam a necessidade de sombra	Mais desconfortável de manhã
INFRAESTRUTURA	Necessidade de melhorias nos mobiliários disponíveis	Necessidade de melhorias nos mobiliários disponíveis	Necessidade de melhores espaços de permanência

Fonte: Autores, 2025.

A leitura conjunta das rodas de conversa e da análise etnográfica, interpretadas à luz dos conceitos da Psicologia Ambiental explorados por Cavalcante e Elali (2011) e das funções dos espaços livres por Gonçalves e Flores (2011 apud Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019), confirma que a relação das crianças com o pátio é marcada por processos de apropriação, percepção ambiental e apego ao lugar, e mostram que o pátio escolar é um espaço de centralidade afetiva, onde se constroem vínculos, identidades e experiências significativas. Percebe-se que o pátio, mesmo com limitações, cumpre suas funções fundamentais:

- Contato social: é o principal lugar de encontro, conversa e construção de vínculos.
- Brincar e jogar: concentra as práticas lúdicas essenciais ao desenvolvimento infantil.
- Motoricidade e sentidos: permite correr, pular, explorar, sentir vento, luz, texturas.

- Função pedagógica: é citado por professores como potencial espaço interdisciplinar.
- Função ambiental: há forte interesse das crianças pela vegetação, cuidado com plantas e pelo contato direto com o meio natural.

O arranjo espacial da escola – distribuição física de objetos, sombras, mobiliários e superfícies – permite que ela consiga cumprir todas as funções sociais do pátio escolar mencionados por Gonçalves e Flores (2011 apud Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019). Entretanto, elementos como brinquedos quebrados, lama, falta de drenagem e ausência de sombra aparecem como limitações diretas ao uso, prejudicando diretamente o pleno funcionamento da função social do pátio ao: reduzir a permanência confortável, comprometer o brincar, gerar insegurança ao correr, inviabilizar atividades extraclasse e afastar as crianças do contato com elementos naturais. A presença desses elementos configura um cenário de estressores ambientais que afetam o bem-estar físico e emocional, gerando desconfortos. Apesar de certos problemas gerarem tal estresse, ainda assim emergem fortes evidências de apego ao lugar, suas atividades cotidianas no pátio (brincar, correr, conversar, preferência por determinados cantos de convivência e etc) revelam processos contínuos de apropriação do ambiente. O fato de grande parte dos alunos relatar experiências familiares prévias com jardins fortalece essa dimensão simbólica.

Tanto alunos quanto educadores reconhecem o potencial pedagógico das áreas externas, que aparece não apenas como desejo expressado nas falas, mas como demanda real observada em campo, a fim de ampliar a apropriação e qualificar o bem-estar no ambiente escolar. Dessa forma, indicando que um projeto em arquitetura da paisagem sensível às vivências dos usuários deve priorizar conforto térmico e lumínico, reorganização espacial adequada às necessidades, contato direto com plantas, áreas de descanso e infraestrutura adequada para atividades pedagógicas ao ar livre.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de projetos paisagísticos para escolas de educação infantil demanda mais do que uma resposta estética ou funcional: exige compreender como os espaços são vividos, percebidos e apropriados pelos sujeitos que os utilizam cotidianamente. Nesse sentido, a Psicologia Ambiental e a Etnografia constituem aportes teóricos e metodológicos fundamentais para uma prática projetual da arquitetura da paisagem, que se comprometem em conjunto para o bem-estar, o desenvolvimento da criança e integração com a natureza.

Observa-se que o ambiente físico influencia o comportamento e, ao mesmo tempo, é continuamente modificado pelas ações humanas (Moser, 1998; Santos, 1988). Essa reciprocidade torna-se especialmente relevante nas escolas, onde as interações espaciais afetam diretamente as experiências de aprendizagem, socialização e expressão simbólica. Ao adotar essa perspectiva, o projeto em arquitetura da paisagem deixa de ser um simples desenho de áreas externas e passa a ser compreendido como um dispositivo pedagógico e emocional, capaz de favorecer vínculos afetivos, autonomia e senso de pertencimento.

Assim, o cruzamento entre Psicologia Ambiental, Etnografia e Arquitetura da Paisagem valoriza o pátio escolar e suas áreas livres não apenas como área física, mas como lugar significativo, capaz de atuar no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor das

crianças. Desse modo, a leitura projetual ganha densidade ao reconhecer que a qualidade dos espaços escolares depende tanto de suas características formais quanto das experiências que promovem, das relações que possibilitam e dos sentidos que as crianças atribuem a eles.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina (orgs.). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2017.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2011.

CRISCOULLO, Lia Constantino; Cota, Elisa Braz; Vilela, Bianca Olímpio; Rodrigues, Iolanda Costa; Guimarães, Gláucia Rodrigues; Cruz, Thalita Karla Flores. Educação inclusiva: desafios e possibilidades. **SciELO Preprints**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13343>. Acesso em: 13 nov. 2025.

DUARTE, Cristiane Rose. Olhares possíveis para o pesquisador em Arquitetura. **Revista INTER-FACES**, v. 1, n. 13, p. 130-145, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**: LTC. Rio de Janeiro 1989.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. **Psicologia Ambiental em contextos urbanos**. Florianópolis: Edições do bosque, 2019

HOLANDA, Gerda de Souza; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino. ESTRATÉGIA DA TRIANGULAÇÃO: UMA INCURSÃO CONCEITUAL. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 1150–1166, 2020. DOI: 10.7867/1809-0354.2020v15n4p1150-1166. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8129>. Acesso em: 16 nov. 2025.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KATON, Geisly França; TOWATA, Naomi; SAITO, Luis Carlos. A cegueira botânica e o uso de estratégias para o ensino de botânica. **III Botânica no Inverno**, p. 179-82, 2013.

MACEDO, Sílvio Soares; QUEIROGA, Eugenio Fernandes; CAMPOS, Ana Cecília de Arruda; GALENDER, Fany; CUSTÓDIO, Vanderli. **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Edusp, 2018.

MARTINS, Rudnei Joaquim; GONÇALVES, Teresinha Maria. Apropriação do espaço na pré-escola segundo a psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 622-631, 2014.

MORALES, Angélica Góis. **A formação do profissional educador ambiental: reflexões, possibilidades e constatações**. 2. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 3, p. 121-130, 1998.

PACHECO, Juliana; DORNELES, Vanessa Goulart. A APROPRIAÇÃO DOS PATIOS ESCOLARES E A IMPORTÂNCIA PARA SEUS USUÁRIOS. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 140–155, 2024. DOI: 10.21680/2448-296X.2024v9n1ID32047. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/32047>. Acesso em: 27 out. 2025.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012

SANTOS, Karine da Silva; RIBEIRO, Maria Cristina; QUEIROGA, Danlyne Eduarda Ulisses de; SILVA, Ivisson Alexandre Pereira da; FERREIRA, Sonia Maria Soares. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, 2018. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/o-uso-de-triagulacao-multipla-como-estrategia-de-validacao-em-um-estudo-qualitativo/16823?id=16823>. Acesso em: 16 nov. 2025.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.